

FACULDADES METROPOLITANAS UNIDAS-FMU
INSTITUTO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Maria Carolina Simões dos Santos

R.A: 0666968

**A importância da vivência da Percussão e Cultura Popular na
formação do Musicoterapeuta.**

São Paulo

2013

A importância da vivência da Percussão e Cultura Popular na formação do Musicoterapeuta.

Maria Carolina Simões dos Santos

Complexo Educacional FMU

Resumo

O artigo discute a importância do aprendizado da Percussão Popular e o contato com a Cultura Popular e Regional para a formação do Musicoterapeuta, aborda aspectos da construção do pensamento clínico na atuação do profissional e o preparo técnico para utilizar a música como recurso de comunicação no contexto clínico.

Palavras-chave: Musicoterapia. Percussão Popular. Formação profissional. Cultura Popular. Musicoterapeuta.

Abstract

This paper aims to present the importance of learning Popular Percussion and the contact with Regional and Popular Culture for the Music Therapist education and training, treat aspects of the construction of clinical thinking in the performance of the professional and the technical training to use music as a communication resource in the clinical context.

Keywords: Music Therapy. Popular Percussion. Professional Education. Popular Culture. Music therapist.

Introdução

A Musicoterapia é uma área profissional ainda nova no Brasil, com 40 anos de existência, ainda tem muito a desenvolver em termos de pesquisa, estruturação pedagógica e organização curricular na formação universitária.

Todo curso de graduação passa por alterações curriculares, por exemplo, em relação à ênfase dada quanto às abordagens teóricas e mudanças quanto às tendências de práticas profissionais e mesmo, em relação àqueles que assumem o papel de coordenação, na Musicoterapia não é diferente. Além da natural evolução do percurso de um curso de profissionalização, temos que ter

em vista que cada curso tem suas especificidades e na Musicoterapia verificarmos ainda, propostas diferentes nas várias instituições de ensino superior em termos de seu projeto pedagógico.

Ainda que cada instituição de ensino tenha sua ênfase diferente na proposta pedagógica estruturada para a Musicoterapia, podemos considerar que o crescimento da área profissional, a necessidade de mais pesquisas e de professores capacitados, é comum a todos. Por outro lado, independentemente da afiliação institucional, os fatores envolvidos caminham juntos com as reflexões acerca da formação profissional do musicoterapeuta,

A formação em Musicoterapia não é um tema abordado em estudos e pesquisas com muita frequência, o que destaca a relevância de discutirmos o assunto; abordar seu currículo e debater a bagagem formativa necessária para o adequado preparo de um futuro profissional para a atuação no mercado mostra-se, portanto, como um interessante propósito de pesquisa.

Nesta perspectiva, o objetivo de estudarmos a grade curricular dos cursos de Musicoterapia existentes no Brasil, além de fortalecer a profissão pode oferecer subsídios para uma melhor estruturação de sua proposta educativa, que pode, inclusive, favorecer a regulamentação profissional que ainda não está formalizada.

Buscaremos analisar a formação do musicoterapeuta no Brasil, com destaque à análise da importância da disciplina que propõe o conhecimento de Percussão e Cultura Popular, na medida em que ela constitui uma importante base musical, em sua teoria e prática, para a respectiva profissionalização.

Acreditamos que a Percussão seja base cultural da música, pois, juntamente com a voz, foram as primeiras manifestações sonoras existentes. A Percussão Popular como disciplina na grade curricular do musicoterapeuta pode preencher a lacuna do preparo musical do profissional, bem como auxiliar a compreensão de conceitos e a relação teoria-técnica, que são fundamentais na formação da profissão destinada ao atendimento na área da saúde.

O presente artigo propõe uma análise preliminar que tem o objetivo de contribuir com o preparo profissional do musicoterapeuta na realidade

brasileira.

Musicoterapia e Percussão Popular: Bases Culturais e Educacionais

De acordo com o pensamento de Corrêa (2009), a percussão que possui como elemento central o ritmo, integra a experiência primordial do existir humano, na medida em que desde a vida intrauterina, o ser humano vivencia o contato com inúmeros fatores sonoros que possuem ritmo, afirma o autor:

Este ritmo, este pulso o acompanhará ininterruptamente por toda sua vida até seu ultimo suspiro. Muito antes dos antigos gregos (Pitágoras, Platão, Aristóteles, para citar alguns e continuando até os dias atuais) a natureza do ritmo tem sido objeto de infindáveis discussões. Os aspectos filosóficos e metafísicos do ritmo parecem ser portas para entrarmos de uma forma mais abrangente no complexo universo da musica onde o ritmo é fundamental. Então entenderíamos melhor este grande fenômeno universal A Linguagem da percussão (CORRÊA, 2009, p.2).

A percussão está intimamente ligada ao ser humano e sua cultura, já que através de suas manifestações ancestrais, os seres humanos realizavam rituais, formalizavam agradecimentos sociais, praticavam métodos de cura e de solução de problemas e anunciavam guerras. A música percussiva atuava nas sociedades antigas como comunicação e linguagem, como método de cura e organização social. Percutindo o próprio corpo, ou pedras, ou ossos, madeiras e depois peles, podemos apreciar a evolução natural em que desde o homem primitivo, a expressão através da percussão, os timbres e ritmos se fixaram na sua memória humana.

Considerando a história da evolução humana podemos observar que os grupos humanos instalaram-se em diferentes pontos da terra, desenvolvendo costumes e expressões próprias e foram assim, desenvolvendo modos de viver e criando recursos de manifestação social com o uso de linguagens como, por exemplo, a música.

A percussão, assim como outros recursos expressivos, foi se integrando a esses novos costumes e expressões e, assim, o homem experimentando novos materiais e utensílios, foi criando outros ritmos e sonoridades. Essa evolução não tem, nem terá fim.

A percussão possui inúmeras características que facilitam seu aprendizado e capacitação para uso, especialmente suas características e importância nos processos de atendimento musicoterapêutico, bem como sua presença no *setting*, sua elaboração e uso.

Em virtude de suas características de fácil manipulação, a percussão representa uma qualidade diferenciada que contribui significativamente com a acessibilidade do fazer musical, devido a proximidade em relação à expressão verbal, da movimentação e expressão motora, que de forma geral, caracterizam a manifestação natural das expressões humanas.

Podemos considerar que, se existe a intenção de tornar-se técnico, isso exigirá estudos e formação como qualquer outro instrumento musical, porém quando a intenção é capacitar o uso terapêutico, apenas o contato da pessoa com o instrumento é suficiente para que ela possa tocá-lo, ressoá-lo e, assim, se comunicar.

Movimentos simples de braço e corpo são suficientes, a ação de bater, raspar ou chacoalhar, movimentos naturais e de reflexos observados no processo de desenvolvimento humano, que não exigem um refinamento ou coordenação motora fina para serem executados.

A imensa variedade timbrística musical encontrada nos diferentes instrumentos de percussão popular, traz grandes possibilidades que podem ser trabalhadas e exploradas nos diferentes materiais e texturas proporcionando diferentes sensações auditivas e táteis, com diferentes resultados musicais de forma simples, uma complexidade sonora e uma estimulação sensorial, do momento em que os instrumentos possuem diferentes tamanhos, diferentes materiais, diferentes cores e formas de manipulação.

Lembramos também da facilidade em adquiri-los, pois são instrumentos fáceis de construir, tanto com materiais recicláveis ou quanto manufaturados por *luthiers*, tendo cada instrumento uma história única e um baixo custo acessível.

O caráter arquetípico, quer dizer, cuja simbologia se mostra relacionada ao contexto histórico e comportamental evolutivo do ser humano, contido em tais

manifestações percussivas, nos coloca em mais uma possibilidade terapêutica do uso da percussão na Musicoterapia. Neste ângulo de análise, a formação profissional do musicoterapeuta deve ser considerada em termos de seu alcance e raciocínio clínico. Conhecendo arquétipos e história, conheceremos o comportamento e a formação da mente humana, a sua Identidade Sonora (ISO) Cultural.

Rolando Benenzon (1988), músico, psicanalista e psiquiatra argentino, precursor da Musicoterapia no Brasil e América Latina, apresenta como principal conceito, o de Identidade Sonora (ISO) – dividida em diversas nomenclaturas, cada uma correspondente a uma parte da formação do desenvolvimento do homem e da sociedade. O ISO Cultural, inserido nas energias do pré-consciente, está relacionado aos ritmos e aos movimentos que caracterizam o meio sociocultural onde vive ou viveu o indivíduo. Tal estrutura energética, por ser a primeira a constituir a memória não-verbal do sujeito, está presente até nos sistemas muito rudimentares de vida.

Os elementos do ISO Cultural estão imersos em fontes arquetípicas, arcaicas e familiares a que o sujeito é exposto desde seu nascimento. Assim, trabalhar sons da cultura pode ajudar o indivíduo a retomar o sentido de identidade individual e social e, conseqüentemente, relacionar-se com o outro e o meio que o circunda.

As vivências e/ou rituais musicais percussivos incluem todas as formas de terapia e cura, os ritos que fazem parte da cultura dos indivíduos ou que são parte significativa do passado coletivo.

O objetivo destas vivências é redescobrir os saberes das práticas anteriores de cura, sendo que a maioria delas estão fortemente apoiadas na própria música, e, ao mesmo tempo, reconectar o indivíduo com suas raízes pessoais e coletivas (BRUSCIA, 2000, p. 243).

Benenzon (1998, p.40) afirma que:

O tambor é o instrumento mais representativo da história da humanidade e na musicoterapia. Na vida primitiva o tambor era indispensável. Nenhum instrumento tem tantas funções ritualísticas e caráter mais sagrado que o tambor.

Barbara Crowe (2004. apud Bittman, 2001), diretora da área de Musicoterapia, da Universidade do Estado de Arizona, nos Estados Unidos, refere que os benefícios da percussão em grupo estão baseados em alguns princípios, dentre eles: a) Atividades de percussão podem ser desenvolvidas sem o prévio conhecimento de teorias e habilidades musicais, sendo acessíveis a todo tipo de público; b) A reação ao ritmo é funcional no ser humano, sendo que as atividades, bem como as técnicas de percussão, são bastante motivacionais para indivíduos de todas as idades, sem distinção de qualquer tipo de histórico.

Diferente de outros instrumentos musicais, a vivência em percussão popular, pode ser feita em grupo e de forma prática, facilitando o aprendizado.

Segundo Aguirre et. al. (2000) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, a prática clínica requer a construção de uma atitude que dá apoio à experiência e neste sentido, o estagiário que é um aprendiz, precisa desenvolver esta atitude clínica frente ao indivíduo atendido, que passa pela compreensão e apropriação do papel do terapeuta. Para desenvolver a atitude clínica, afirmam as autoras, é necessário primeiramente conhecer, compreender e aceitar esse papel, e então assumi-lo. Isto significa conhecer e utilizar suas possibilidades e limites, identificar o que o caracteriza e ao mesmo tempo o diferencia de outros papéis. A construção da atitude clínica resulta de um processo que se desenvolve concomitantemente à construção da identidade profissional.

Estas ideias cabem também ao musicoterapeuta e seu papel clínico, já que, em sua formação ou quando graduado, precisa elaborar sua identidade como terapeuta. Ao aluno, futuro musicoterapeuta, é importante lembrar que ele precisa também ser capacitado musicalmente, para ter um bom desempenho profissional.

O profissional na área de Musicoterapia aprende colocando em prática a teoria musicoterapêutica, vivenciando ritmo, pulso, tempo, timbres, arquétipos, a realidade de expressão musical brasileira. Devido à característica de fácil manejo da percussão, a capacitação do aluno se desenvolve em pouco tempo

para atuar como terapeuta que pode usar, profissionalmente, os instrumentos de percussão requeridos na prática da Musicoterapia.

A atitude clínica é uma construção subjetiva que é materializada na relação do indivíduo com o paciente, e como um fenômeno interno complexo, sofre a influência de muitas variáveis para a sua produção: o conhecimento teórico, as experiências pessoais, as diversas identificações, as experiências práticas e o contato com seu instrumento de trabalho, a música.

Para a psicologia, o principal instrumento de trabalho do profissional é a sua pessoa (Bleger, 1974; Ocampo et al., 1981; Tsu, 1984). Em analogia, para o musicoterapeuta, o principal instrumento, além dele mesmo, é a música, e ela precisa estar bem estabelecida em sua vida, para que possa utilizá-la como meio de expressão e comunicação e, conseqüentemente, promover a superação de problemas.

A música na formação em Musicoterapia, que deve ser desenvolvida durante o período de graduação, de forma proveitosa, natural e rápida, e no espaço de tempo de apenas 6 (seis) semestres, como é planejada em alguns cursos universitários no Brasil, apresenta alguns desafios e estimula questionamentos em relação à adequação sobre a capacitação musical do aluno.

Como já citado, temos a percussão e cultura popular, como possibilidades vivenciais e pedagógicas para a capacitação e formação do aluno de Musicoterapia, complementando disciplinas teóricas e práticas, proporcionando e estimulando a interdisciplinaridade e a junção do fazer musical com a prática clínica e o processo formador do futuro musicoterapeuta.

Considerações Finais

O poder da música é inquestionável e ela é concebida como um agente transformador; e na Musicoterapia, como ciência em crescimento a serviço do ser humano, para reabilitar, modificar, ajudar e transformar.

A nossa cultura é fonte viva da nossa história, dos nossos comportamentos, das nossas tendências, e nela vivemos e revivemos situações que, através deste contato podem ser também transformados.

A percussão é parceira para a construção da nossa cultura. É a voz que dá cor e acessibilidade, na expressão da cultura.

A música mostra no contexto do atendimento clínico em Musicoterapia que é um elemento de comunicação com um poder transformador, no sentido de mobilizar emoções e possibilitar *insights* que reorganizam situações vividas a partir da compreensão de experiências.

Na medida em que utiliza a percussão como principal recurso para estabelecer contato com camadas profundas da experiência subjetiva, permite a expressão e a conscientização de aspectos emocionais relacionados a dificuldades e bloqueios e superação de conflitos e ansiedades.

A formação do musicoterapeuta requer um preparo diferenciado em que a capacitação do profissional deve ser dupla, como musicista e como terapeuta e, esta exigência, delineia questionamentos importantes na distribuição de disciplinas e estágios supervisionados.

A disciplina de percussão é o caminho de contato com a nossa cultura, é o meio que dá acesso e possibilita a acessibilidade a conteúdos que auxiliam no entendimento de aspectos sociais e de inserção grupal. A disciplina quando oferecida no conjunto de outras disciplinas de humanidades configura ao aluno da graduação uma apreensão de costumes e hábitos que estão vinculados à afetividade envolvida.

A formação da postura clínica e musical deve preferencialmente passar pela prática, pelo fazer. O que se diz deve ser o que se pratica, e para isso é necessário proporcionar um espaço para o aluno, oferecendo oportunidade a capacitação que, de forma pedagógica, é possível entrar em contato com si mesmo e com as práticas, observando em si, o que poderá usar clinicamente no futuro.

Os grupos de percussão popular com ênfase na cultura regional são, em geral, a forma mais coerente de se alcançar os objetivos citados acima.

O crescimento da área profissional e a necessidade de mais pesquisas e de professores capacitados caminham junto com as reflexões acerca da formação profissional do musicoterapeuta, portanto estimular o questionamento e a modificação do currículo de formação em Musicoterapia corrobora também para o aprimoramento educacional da mesma, para a melhor formação do estudante de musicoterapia e para o próprio desenvolvimento da área.

Referências Bibliográficas

BRUSCIA, Kenneth. **O desenvolvimento Musical como Fundamentação para a Terapia**. 1991, 2-10. Tradução: Lia Rejane Barcellos, Rio de Janeiro, abril de 1999.

BRUSCIA, Kenneth. **Definindo Musicoterapia**. Trad. Mariza Velloso Fernandez Conde, 2. ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

BENENZON, Rolando. **Teoria da Musicoterapia**. São Paulo: Summus Editorial, 1988.

BENENZON, Rolando (2008) **La Nueva musicoterapia**. 2ª edição. Ed. Lumen, Buenos Aires.

SUZUKI, Paulo Roberto. **Roda de Tambores na Musicoterapia como Técnica em Potencial**. Trabalho de conclusão de de curso junto ao programa de pós-graduação em Musicoterapia. São Paulo: UniFMU, Centro Universitário FMU; 2008.

MATNEY, Bill B. Tataka: **The Use of Percussion in Music Therapy**. (USA): Sarsen Publishing; 2007.

FRIEDMAN, Robert Lawrence. **The Healing Power of the Drum**. (USA): White Cliffs Media; 2000.

FRIEDMAN, Robert Lawrence. **The Healing Power of the Drum** – Book Two – A Journey of Rhythm and Stories. (USA): White Cliffs Media; 2011.

BITTMAN, Barry; STEVENS, Christine; BRUHN, Karl. **Health Rhythms – Group Empowerment Drumming: Facilitators Training Manual**. Valencia, CA, USA: Remo Inc; 2006.

TSU, T. M. J. A. (1984). **A relação psicólogo-cliente no psicodiagnóstico infantil**. In: W. Trinca, *O pensamento clínico em diagnóstico da personalidade*. Petrópolis, RJ: Vozes. Cap. 4, p. 34-50.

OCAMPO, M. L. S., et al. (1981). **O processo psicodiagnóstico e as técnicas projetivas**. São Paulo: Martins Fontes.

BLEGER, J. (1974). **Temas de psicologia**. Buenos Aires, Argentina: Nueva Visión.

CORREA, Djalma. **Gênese**: Ensaio elaborado especialmente para o projeto **Músicos do Brasil: Uma Enciclopédia**, patrocinado pela Petrobras através da Lei Rouanet. (2009)

AGUIRRE, A. M. B., Herzberg, E., Pinto, E. B., Becker, E., Carmo, H. M. S., & Santiago, M. D. E. (2000). **A formação da atitude clínica no estagiário de psicologia**. Psicologia USP, 11 (1), 49-62.

DOUGLAS, C. R. **Tratado de Fisiologia Aplicada A Fonoaudiologia** - Editora Robe. (2006)